

## **Enfoques de gênero no contexto indígena Xerente: algumas constatações**

**Maria Santana F. dos Santos Milhomem**

**Resumo:** Grande parte dos estudos hoje disponíveis, que abordam a relação entre gênero, identidade e cultura, refere-se às sociedades urbanizadas. Grupamentos que se caracterizam por outro tipo de organização e contexto de vida, como os indígenas, permanecem praticamente fora do escopo das investigações. Nesse sentido, este artigo se ocupa de uma análise ainda que preliminar das relações de gênero na comunidade indígena Xerente do Estado do Tocantins. Busca contribuir para reverter o cenário acima delineado, investigando como as mulheres da comunidade indígena Xerente posicionam-se sobre a construção da sua identidade e da sua condição feminina, através da narrativa de professoras pertencentes à referida comunidade.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero. Etnia Xerente. Identidade.

**Abstract:** Great part of the studies nowadays, whose focus is on the relation between genre, culture and identity refers to urbanized societies. Groups that are characterized by another kind of organization and life context, such as indigenous, continue to be out of the scope of investigation. On this hand, this article seeks to analyzing, preliminarily, the genre relations into Xerente indigenous community in the State of Tocantins, Brazil. It aims at contributing to reverse the scenery previously mentioned, investigating how the female Xerente indigenous takes their position when it comes to building their own identity and female condition, through the teacher narratives of the former community.

**Keywords:** Genre Relations. Xerente Ethnicity. Identity.

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.  
E-mail: msfsantos@yahoo.com.br.

O interesse por trabalhos que abordam as relações de gênero tem crescido, principalmente devido à realização de diagnósticos socioeconômicos de setores do governo, uma vez que constituem o conjunto das relações sociais e econômicas no universo do trabalho, da cultura e da política. É nesse contexto que os papéis masculinos e femininos vêm colocando cada agente social dentro de atividades específicas e em posições às vezes igualitárias, admitidas entre os agentes sociais nas estruturas familiares e comunitárias.

A análise apresentada neste momento é parte de uma pesquisa em andamento em nível de Mestrado, que tem como objeto “**As Representações de Gênero na Formação de Professores Indígenas Xerente (TO) e Expressões da Violência**”. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é abordar algumas questões da realidade feminina de indígenas Xerente, residentes no Estado do Tocantins, analisando as desigualdades e assimetrias de gênero, quanto ao acesso à educação formal, ao mercado de trabalho e à participação política, através de dados preliminares, coletados na fase inicial da pesquisa exploratória.

Nesse estudo destaca-se ainda, a necessidade de visibilidade das condições objetivas e subjetivas das mulheres indígenas Xerente, pois à medida que avança o processo de modernização, altera-se também o ritmo de vida social e cultural desta comunidade. Assim, as mulheres têm clamado por cidadania, direito à educação e por que não, pelo direito à autonomia como agente ativo da sua individualidade. Podendo assim, assegurar sua sobrevivência como classe e etnia, dentro de um sistema econômico excludente, bem como sua sobrevivência, na condição de sujeito mulher dentro da comunidade indígena, marcada por costumes paternalistas e machistas.

O núcleo familiar indígena, ao mesmo tempo em que garante a sobrevivência e reprodução de seus membros através de uma dinâmica de solidariedade baseada em estratégias de cooperação, é uma estrutura de poder que estabelece relações internas que resultam na submissão da mulher dentro da comunidade. Um poder que é exercido através do controle da sexualidade, dos recursos materiais, do trabalho e dos processos de tomada de decisão. O controle masculino dos recursos ocorre primeiramente sobre o direito

a terra. Este controle funciona contra as mulheres em sua capacidade de autogestão. Constituintes da comunidade através de seu trabalho são excluídas do direito aos recursos comunitários.

Entretanto, mesmo com pouca visibilidade, as mulheres indígenas Xerente vêm tentando ganhar espaço dentro e fora da comunidade, através da organização de pequenos grupos para a participação em eventos, conferências, a inserção no mercado de trabalho formal e na confecção e venda do artesanato, apesar de não possuírem nenhuma associação ou cooperativa. A efetiva participação da mulher indígena Xerente nos processos de transformação social, suas demandas frente ao Estado e sua situação dentro das comunidades, as colocam em um lugar cada vez mais ativo.

Por fim, pretende-se ainda através dos estudos etnográficos, apresentar alguns aspectos da organização social desta comunidade.

### **Abordagem metodológica do objeto**

O estudo empírico será desenvolvido através da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, uma vez que dentre outros, um dos objetivos da pesquisa é identificar como se expressam as representações sociais de gênero e expressão de violência no cotidiano dos/as professores/as dessa comunidade. A pesquisa se preocupa em investigar as práticas sociais, procurando compreender o cotidiano e as interações que ali se desenrolam, interpretando seus sentidos e significados. Por conseguinte, investigar como se constroem as desigualdades e as assimetrias de gênero através dos agentes envolvidos na trama das relações sociais desta comunidade, implica em conhecer as características social e cultural que envolve a existência das pessoas participantes da pesquisa, pois, através, delas é possível focar os significados dos aspectos do meio, como também, atitudes e crenças.

Visando maior flexibilidade na constatação das subjetividades presentes nas diversas percepções dos atores indígenas Xerente acerca das relações sociais, gênero, identidade, representação e violência, será realizado um **estudo de caso** do tipo etnográfico. Nesse sentido, essa escolha analisará as especificidades do objeto a nível micro, para melhor compreensão

do fenômeno a nível macroeconômico e social.

O campo empírico da pesquisa da pesquisa abrangerá 02(duas) aldeias indígenas Xerente: aldeia Salto e aldeia Porteira, todas localizadas no município de Tocantínia no Estado de Tocantins. A escolha dessas aldeias deveu-se a dois fatores: primeiro, pela localização estratégica – as duas localizam-se mais próximas da zona urbana e são também consideradas aldeias “modernas” pela facilidade de acesso à sociedade nacional e pelo contato interétnico. Segundo, porque concentram o maior número de mulheres exercendo a docência e são mais “ativas” na comunidade.

Diferentes técnicas de investigação, fontes **secundárias** bibliográficas - consulta a literatura, no sentido de conhecer as categorias que regem o objeto em estudo; fontes documentais e estatísticas - por meio de consulta a documentos sobre as aldeias, documentos oficiais sobre o povo indígena e em especial a etnia Xerente do Estado do Tocantins; consulta as estatísticas de Institutos de pesquisa (IBGE, CENSO ESCOLAR), sobre a escolaridade dos indígenas, população masculina e feminina economicamente ativa, número de alunos distribuídos por gênero, entre outras informações não menos relevantes, todos apresentados através de tabelas e quadros. Fontes primárias através da realização de entrevistas semi-estruturadas do tipo “histórias de vida” com mulheres e homens professores, e as lideranças das aldeias acima citadas, todas utilizando aparelho de gravação, bem como, por meio da observação participante e de registros de campo. Na **observação participante** será dado o máximo de atenção ao contexto estudado, tanto as situações do espaço público quanto do doméstico. Serão realizadas no contexto da instituição escolar e em eventos comunitários, bem como a observação das atividades realizadas no âmbito doméstico. A partir do conhecimento da população deste estudo, será composta uma amostra *não-probabilística* de atores indígenas respondentes da pesquisa.

Assim, através da utilização da *história de vida* será possível resgatar o indivíduo como sujeito do processo histórico e possibilita obter diferentes versões e percepções acerca do mesmo fato.

A sistematização de dados qualitativos e quantitativos ocorrerá de acordo com os temas e conceitos

relevantes orientadores da pesquisa, possibilitando mediante a análise de conteúdo dos depoimentos dos/as professores/as e caciques, o conhecimento das experiências e a história de vida desse grupo. Assim, será possível identificar e analisar as representações sociais de gênero e expressão da violência simbólica, impressas através do pensamento dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

<sup>1</sup> Dados obtidos em 13/02/2009 na FUNASA/MS- Fundação Nacional de Saúde em Palmas - TO.

### O contexto Xerente

O Brasil é uma nação constituída por uma grande variedade de grupos étnicos, com histórias, saberes, culturas e, na maioria das situações, línguas próprias. Se numericamente somam aproximadamente 316 mil pessoas, as sociedades indígenas, cultural e lingüisticamente representam uma magnífica soma de experiências históricas e sociais diversificadas. Cada povo indígena que vive atualmente no Brasil, é dono de universos culturais próprios. Segundo estimativas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e organizações não-governamentais (ONGs), são aproximadamente 219 etnias, falando mais de 170 línguas indígenas diferentes e seus territórios localizam-se em todo país

O Estado do Tocantins possui uma população de **1.243.627** habitantes, dentre os quais, de acordo com dados da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, a população indígena é de aproximadamente 9.000 mil índios, distribuídos em sete etnias indígenas, sendo os Karajá, Javaé, Karajá/Xambioá, Xerente, Krahô, Apinayé e Krahô/Kanela.

Os índios da etnia Xerente são **2.857** pessoas<sup>1</sup>, das quais **1.443** pertencem ao sexo masculino, e **1.414** ao sexo feminino. Estão distribuídas em 69 aldeias e localizam-se entre o Rio Tocantins e o Rio Sono, em uma região próxima às pequenas cidades de Tocantínia e Miracema, antes pertencentes ao Estado de Goiás e desde 1989, ao Estado do Tocantins.

Essa comunidade se distribui em duas áreas de demarcação indígenas (**figura 1**), chamadas de Reserva Xerente e Reserva Funil, a 70 km ao norte de Palmas, capital do Tocantins. Atualmente, é grande o envolvimento dos Xerente com as cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins. Não só pelos constantes jogos de futebol disputados entre os times das aldeias

<sup>2</sup> FARIAS, Agenor T.P. Fluxos Sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre as aldeias. 1990, p.74. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH/USP.

<sup>3</sup> Op. cit. 1990, p. 101.

<sup>4</sup> “A família constituída de várias famílias se dá o

e os das cidades, pelos tratamentos de saúde e pelos recebimentos de vencimentos das aposentadorias dos *wawě* (velhos), mas, sobretudo, pela atividade política desempenhada pelos Xerente nesses dois espaços. Essa atividade se dá através da venda de artesanato, da participação dos jovens indígenas na vida escolar dos municípios, na ocupação de cargos públicos e como representantes eleitos.

A sociedade Xerente é constituída por figuras duais que cingem todos os aspectos de sua socialidade: metades exogâmicas e cerimoniais, associações de idade, narrativas míticas, facções clânicas e cosmologia. O grupo está dividido em duas Metades exogâmicas e interdependentes e cinco Clãs patrilineares, os quais, segundo Farias<sup>2</sup>, “a partir da filiação às metades exogâmicas e, conseqüentemente, aos seus respectivos Clãs patrilineares, os Xerente constroem a base de sua sociedade”. Além das metades, existem ainda as Classes de Idade, ligadas às relações cerimoniais.

Neste processo, a Organização Social ocorre da seguinte forma: o masculino está ligado à Metade/Clã e o feminino à Classe de idade/Metade cerimonial. Diante disso, segundo Farias,

Podemos encontrar nesses arranjos uma forma de operação da oposição, público x privado, cerimonial x doméstico. O mundo masculino encarrega-se de apresentar o todo, completo e unificado. O mundo feminino, onde são determinantes as relações privadas, domésticas, encarrega-se de dar uma contribuição parcelar dessa mesma unidade.<sup>3</sup>

Outro fator importante de análise dessa relação está relacionado ao ritual de nomeação, visto que na nomeação masculina, os Xerente promovem deslocamentos e reuniões de grupos de aldeias que durante o ritual, recompõem - se como uma só aldeia.

Já no ritual de nomeação feminina, apenas alguns segmentos dos grupos das aldeias, em função do princípio de pertencimento às classes de idade, é que se locomovem.

Portanto, tem-se o seguinte esquema: Público-Homem- Nomeação Masculina, e Privado - Mulher- Nomeação Feminina. Neste processo organizativo, observa - se o paralelo entre a nomeação masculina



e feminina, sendo que os dois processos pertencem a duas Metades Patrilineares. No entanto, segundo os etnógrafos existe uma diferenciação. No caso do nome feminino, o princípio de patrilinearidade se dá pela negativa, ou seja, uma menina recebe um nome de uma classe de idade que não seja a do seu pai. No caso do nome masculino, o princípio de patrilinearidade se dá positivamente uma vez que o menino recebe um nome que deve ser do mesmo clã de seu pai.

Entre os Xerente, a família extensa<sup>4</sup> tem grande importância, a descendência segue uma ordem patrilinear, sendo o pai o proprietário de toda a prole e também da esposa. A regra de residência é uxorilocal: o genro mora na aldeia (ou no segmento residencial) do sogro. No entanto, os Xerente passaram, após o contato com não-indígenas, a adotar a noção de família elementar, ou seja, de família formada por um homem, uma mulher e seus filhos. Geralmente, os Xerente não costumam fazer restrições a casamentos interétnicos realizados entre índios e mulheres não-índias, mas desaprovam explicitamente o matrimônio de mulheres Xerente com não-índios. Entretanto, todo não índio (seja homem ou mulher) que se casa com um Xerente, logo é incorporado às redes de parentesco e aos sistemas cerimonial e político, adquirindo direitos e deveres idênticos a um membro do grupo<sup>5</sup>. Quando ocorre a separação conjugal, os filhos ficam com o homem e a mulher volta a morar na casa de seus pais, a quem volta a pertencer.

Os estudos etnográficos sobre os Xerente mostram ainda que, apesar do feminino receber a nomeação através de um Sistema de Classe com um ritual específico, o nome pertence a uma Classe de idade masculina.

Nessa perspectiva, de acordo com as descrições etnográficas da cultura e tradição do povo Xerente, em que o sexo masculino e feminino desde o nascimento já pertencem a uma determinada Metade ou Classe e que existem diferenças na posição, status e função de cada uma, é possível compreender que ao feminino está reservado o espaço privado e doméstico e ao masculino o espaço público e cerimonial.

No entanto, no processo de contato com o não índio, os Xerente abandonaram ou ressignificaram, gradativamente, alguns de seus costumes cerimoniais

nome de família extensa". (MELATTI, 1993, p. 77).

<sup>5</sup> ISA – Instituto Socioambiental. Apresenta informações sobre os povos indígenas do Brasil. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xerente/1173>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2009.

6 SIFUENTES, Thirza Reis. *Mulheres Indígenas Xerentes: Narrativas Culturais e construção dialógica da identidade*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade de Brasília. Distrito Federal.

7 PAULA, 2000, p.224 apud Moi, 2007, p. 50.

8 FARIAS, op. cit., p. 2.

9 FAGUNDES, T. C. P. (Org). *Identidade feminina: uma construção histórico - cultural*. In: *Ensaio sobre identidade e Gênero*. Salvador: Editora Helvécia, 2003, p. 51.

e incorporaram hábitos e transformações da cultura brasileira. Alguns ritos sociais foram preservados ao lado de novos costumes, criando-se um misto da cultura de origem (indígena) e da cultura importada ( não indígena) <sup>6</sup>.

Concomitante a análise etnográfica da Estrutura Social dos Xerente, põe-se em questionamento as transformações ocorridas, nas últimas décadas, na organização social e política dessa comunidade em virtude da história do contato com o não- índio. Como exemplo, indica-se o rápido crescimento do número das aldeias, e, conseqüentemente, o número de liderança e o surgimento de novos papéis sociais (professores, vereadores, agentes de saúde, diretores de associação, enfermeiros etc). Esse rápido crescimento do número de aldeias é resultado do fracionamento das antigas povoações.

Segundo Paula<sup>7</sup>, esse processo de cisão entre as aldeias Xerente ganhou uma velocidade nunca vista em sua história a partir da década de 1989, e deve ser visto como uma das formas de expressão do faccionismo Xerente em nossos dias. Para tanto, pode - se afirmar que os Xerente, como as demais sociedades Jê, caracterizam-se por se expressarem através de práticas sociais que, de acordo com o momento histórico, expandem-se ou se retraem. Este é um movimento pertinente à dinâmica da sociedade Xerente, “contrair e reflorescer”. <sup>8</sup>

Dentre outras mudanças na organização social e cultural dos Xerente, destaca-se o rápido e intenso processo de transformação das unidades habitacionais, tanto no âmbito da forma quanto da tecnologia, valorizando assim, os elementos da sociedade nacional.

Diante disto, coloca-se em questionamento a posição dos atores nesse processo de ressignificação e de mudança dos costumes, valores e conseqüentemente da cultura indígena, uma vez que a cultura atribui funções reais e simbólicas inerentes ao sujeito, e “é no interior dos processos e estruturas psíquicas inconscientes que esses traços são internalizados, re-elaborados, ressignificados e transformados em valores e atitudes”. <sup>9</sup>



Portanto, o exame dos sistemas culturais contribui para identificar algumas características mais particulares dos atores sociais, tais como as representações que, como grupos ou indivíduos fazem do seu entorno, e os padrões que utilizam em tais representações. Assim, torna-se possível, desvendar o significado das relações de poder.

<sup>10</sup> O padi é uma máscara cerimonial Xerente que representa um tamanduá (VICENT, 1987, p. 157 apud MOI, Flávia Prado, 2007, p. 166).

### **Análise da categoria trabalho na comunidade indígena Xerente**

Em nenhuma sociedade humana o trabalho é função apenas do interesse do indivíduo. Onde quer que seja, o trabalho, tem repercussões sociais, seja pelo acúmulo de conhecimento, pela contribuição à reprodução material e cultural do grupo ou comunidade, e à manutenção ou à transformação de formas de organização social, econômica e política.

Em uma sociedade capitalista industrial como a nossa, montar uma fábrica de automóveis, criar uma instituição escolar ou uma congregação religiosa evangélica, entre outras práticas, nem sempre são tidas como atividades orientadas a um mesmo fim.

Ainda que cada uma delas seja levada a efeito, do ponto de vista de seu empreendedor, como uma atividade que atende a interesses individuais do sujeito ou de um pequeno grupo, todas contribuem para a reprodução desta mesma sociedade onde se geram.

De modo semelhante, em uma sociedade indígena, a elaboração do *padi*<sup>10</sup>, a confecção do artesanato, do tijolo de adobe, a construção de suas casas ou fazer uma roça, são atividades que asseguram a reprodução social. Em outras palavras, em toda sociedade indígena há muitas atividades voltadas à produção de valores-de-uso e à reprodução social em todos os seus aspectos.

Atualmente, a comunidade indígena Xerente, divide seu modo de vida entre a aldeia e a cidade. A maioria das famílias, principalmente as que residem próximas às cidades de Tocantinia e Miracema, possuem residências próprias ou alugadas para abrigar seus filhos que estudam em escolas na zona urbana. A subsistência dos Xerente consiste principalmente na venda do artesanato, dos benefícios previdenciários pagos aos anciãos e da renda mensal dos servidores/

<sup>11</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 22.

<sup>12</sup> CRUZ, Maria Helena Santana (Org). *Múltiplos Enfoques e Espaços Plurais da Pesquisa no Campo da Educação*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p.260.

<sup>13</sup> ROSALDO, Michelle Zimbalist. *A mulher a cultura e a sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p. 48.

as do governo Estadual e ou Federal. Cultivam ainda, em pequena quantidade, a mandioca, o arroz, o milho, a batata-doce, o feijão, a abóbora, e algumas frutas como o mamão, a melancia ou cana-de-açúcar, todos para consumo doméstico.

No entanto, a maioria dos índios Xerente realiza as atividades de consumo nos comércios das cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins, pois, a partir da história do contato e das relações com a sociedade nacional, incorporaram novos valores, saberes e costumes no seu cotidiano.

Ademais, o processo de mudança na estrutura social/econômica/cultural da comunidade indígena Xerente, advindo quer seja da história do contato com o não-índio, expressão utilizada por alguns antropólogos, ou das conseqüências da modernidade, tem transformado/ressignificado a vida social cotidiana desta comunidade. Nesta linha, Giddens<sup>11</sup> afirma que no dinamismo do mundo moderno, “todas as culturas, tiveram ou têm de lidar com o tempo e modos de situar - se espacialmente”. Assim, “tradição e modernidade se imbricam produzindo transformações”.<sup>12</sup>

Todavia, a generalizada ausência de reconhecimento dos diversos tipos de trabalho desenvolvidos pelas mulheres é parte constituinte da dinâmica das relações de gênero. Nas comunidades tradicionais, como a dos Xerente, um indicador dessa invisibilidade é a idéia de que faz parte da cultura, a mulher não se ver como indivíduo, e sim, como grupo, ou seja, predomina o “nós” de forma genérica e androcêntrica. Assim,

O fato dos homens, ao contrário das mulheres, poderem ser associados com a cultura, reflete um outro aspecto das definições culturais das mulheres. Estudos recentes da cultura simbólica sugeriram que por mais que viole o sentido de ordem da sociedade, ela será vista como ameaçadora, sórdida, desordenada.<sup>13</sup>

Dentre outros aspectos que careceriam de uma análise mais abrangente, cabe aqui enfatizar uma questão que não é não nova, mas que ainda presente nas questões de gênero, qual seja, a de que a mulher está para a natureza e o homem para a cultura. Em muitas atividades, principalmente as individuais,

realizadas no espaço doméstico pela mulher, a ótica mercadológica e a visão machista, se apropriam dos estereótipos daí reafirmados, para empregar uma menor importância aos conhecimentos por ela produzidos.

Assim, a mulher é desvalorizada porque em cada cultura ela está sendo identificada como algo que representa um valor menor, ou seja, a natureza. A cultura é tida como o processo onde os sistemas de formas de significados são gerados e sustentados, em que os indivíduos transcendem os atributos da existência natural. Nesse sentido, a natureza é manipulada de acordo com interesses, enquanto a cultura é no sentido de ser a consciência humana que exerce a dominação.

No entanto, devemos reconhecer a participação individual dessas mulheres nas diversas atividades agrícolas, de coletas e na pesca. Além de suas atividades realizadas na casa, comumente caracterizadas como espaço doméstico, que inclui o quintal, a criação de animais domésticos, a confecção do artesanato, a torrada da farinha, o que também se constitui num espaço produtivo gerador de renda, existem ainda, algumas mulheres inseridas no espaço público em cargos de professoras, merendeiras, serviços gerais, agentes de saúde e coordenação de cidadania, as quais são funções símbolos de *status* entre os Xerente.

Sabe-se quão importante se torna o trabalho para a estruturação de subjetividades que definem o campo da produção de sentidos para a vida social. Entende-se subjetividade como um processo amplo de construção de sentidos, constituído de modo individual, coletivo, social, cultural e histórico, portanto, delinea-se diante de múltiplas experiências constituídas cotidianamente, quando o sujeito se define e cria sentidos para sua própria ação no mundo.

Pressupõe-se que há uma correlação entre ser e estar no mundo, influenciada pelas vivências dos sujeitos e dos grupos sociais. Assim, afirma-se que a subjetividade é um processo complexo de definição de sujeitos, de indivíduos singulares e de suas posições sociais e históricas.

As mulheres indígenas Xerente empreendem esforços cotidianos para conquistar espaços importantes tanto nas comunidades/aldeias, quanto na sociedade nacional, em um contexto no qual constroem as representações<sup>14</sup> sociais de gênero para a

<sup>14</sup> “As representações são estruturas estruturadas ou campos socialmente estruturados. São expressão da realidade intra-individual [...] revelam o poder de criação e de transformação da realidade social.” (SPINK, Mary Jane. Desvendando teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Org). Textos em representações sociais. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 120-121.

efetivação de sua identidade, no jogo entre situações de dominação e de libertação em um movimento de imposição de poder de indivíduos, principalmente, a figura masculina, por vezes, o pai, um irmão, um filho, o marido; e de grupos, levando-as a estruturarem resistências simbólicas diárias contra tais imposições.

Entretanto, mesmo com a presença da mulher nas atividades produtivas da aldeia e na sobrevivência das famílias, a inserção e o reconhecimento das mesmas ainda é pouco significativo. Elas são **22,5%**, contra **77,5%** dos homens que atuam no espaço público. Considerando essa reduzida participação das mulheres no espaço público, torna-se evidente que continuam sendo naturalizados os estereótipos propagados pela geração tradicional. Dessa maneira, fica explícita tanto a divisão sexual do trabalho, que tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, e simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social, (políticos, caciques, docentes, cargo de chefia/direção).

Dentre as formas de segregação as quais estão expostas as mulheres no mundo do trabalho, são citadas: o acesso limitado ao mercado de trabalho, a concentração em atividades por conta própria e em tempo parcial, a participação majoritária em ocupações tidas como femininas, mecanismos de segregação da população feminina nas atividades consideradas masculinas e a discriminação salarial. Parece prevalecer a visão universalista e objetiva da diferença entre sexo e gênero, através da qual mulher fica sempre em desvantagem ao homem.

Com base nos dados da **tabela 1**, é possível perceber que, na comunidade indígena Xerente, está evidenciada a divisão sexual e social do trabalho, na medida em que os cargos de status e prestígio (cultural, social, e econômico) são assumidos preferencialmente pelo homem. No entanto, cargos de pouco prestígio/status que necessitam de baixa escolaridade são assumidos pelas mulheres. Nessa perspectiva, de acordo Rosaldo (1979), a mulher pode ser importante, poderosa e influente, mas ao que parece, em relação ao homem de sua idade e de seu status social, a mulher em todo lugar carece de poder reconhecido e valorizado culturalmente.

Nessa perspectiva, a baixa escolarização das mulheres Xerente tem impactado, tanto na ocupação de cargos assalariados no mercado de trabalho, quanto em sua participação política na comunidade. Isto pode ser observado numa entrevista realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Indígena Srěmtôwě, após indagação quanto à importância da escola para os indígenas Xerente. A resposta de uma aluna de 29 anos de idade, divorciada e com 05 filhos, é incisiva e demonstra que a instrução constitui uma ferramenta de transformação da sociedade: “depois que comecei estudar é que comecei a participar mais de reunião, de evento, ficar mais solta, vê melhor o mundo”.

### **Escolarização e Gênero**

As oportunidades educacionais estão relacionadas à construção da cidadania e são consideradas também uma das mais relevantes condições para o desenvolvimento humano e social. Logo, para explorar eficaz e eficientemente os instrumentos de produção, é necessário também criar (ou educar) as habilidades e as capacidades das pessoas que utilizam.

O papel da educação é fundamental para a qualificação dos indivíduos, pois contribui para formar uma mão-de-obra especializada, capaz de obter maiores salários e melhor se adequar ao mercado de trabalho. Diante disso, o acesso à escolarização, é um dos requisitos básicos para minimização das assimetrias de gênero, uma vez que, na modernidade, a inclusão dos sujeitos no meio social, depende de vários atributos, como competência técnica, conhecimento tecnológicos, dentre outros aspectos.

No entanto, alguns estudos sobre escolarização têm demonstrado que as mulheres não enfrentam obstáculos ao estudo em razão do seu sexo, ou seja, no que tange especificamente às relações de gênero, o acesso da mulher à educação tornou-se uma questão resolvida em quase toda a sociedade brasileira. Porém, isso não se aplica totalmente na Educação do Estado do Tocantins. Segundo dados do Censo escolar/2007(**tabela2**), na Educação Básica, o número de matrícula do masculino é maior que a do feminino, sendo respectivamente de **50,7%** e **49,3%**.

<sup>15</sup> GUIMARÃES, Suzana Martelli Grilo. A aquisição da escrita e diversidade cultural: a prática de professores Xerentes. Brasília: DEDOC, 2002, p. 54.

Quanto à escolarização indígena Xerente, observando os dados da **tabela 3**, o número de matrícula por sexo, é semelhante com a situação registrada no Estado. Assim, através desses dados, é possível questionar se há diferença na importância do estudo para os sexos ou se as condições de vida as quais as mulheres estão submetidas fazem diferença nos processos de escolarização.

Analisando ainda a mesma tabela, identifica-se uma grande diferença entre os níveis de ensino, quanto ao número de mulheres que estão frequentando a escola, ou seja, não há uma regularidade na continuação do estudo. Daí pode-se indagar: Quais são as atividades que estão sendo desenvolvidas por essas mulheres? Como estão desenvolvendo sua cidadania? Quais são os motivos deste abandono escolar? Muitos questionamentos e algumas hipóteses podem ser levantados. Uma delas, é que as mulheres da etnia Xerente, se casam em idade precoce, algumas aos 12 anos de idade, e não possuem controle de natalidade. Outra hipótese é que, de acordo com as tradições culturais dessa comunidade, a mulher é a responsável pelo cuidado dos filhos e da casa. Nesse sentido, elas têm dificuldade em romper com as tradições para frequentar a escola.

Outro fator que merece análise na **tabela 4**, é a faixa etária de ingresso e saída dos níveis de ensino da mulher Xerente, ou seja, permanecem mais tempo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse dado também é comprovado por Suzana Guimarães<sup>15</sup> através de uma pesquisa realizada em 1994 com 122 pessoas da comunidade Xerente, considerando a variável de sexo e idade.

Para essa autora, em relação ao conhecimento das habilidades de leitura e escrita, “os dados mostraram, em primeiro lugar, que 22% dos homens e 44% das mulheres não lêem em Língua Indígena, para 18,5% dos homens e 36% das mulheres que não lêem em Língua portuguesa”. De acordo com estes dados e analisando a distorção idade série presente ainda na tabela 4, é possível evidenciar que os homens frequentam a escola de forma mais regular, ou seja, a população masculina é alfabetizada na faixa etária dos 4-34 anos. No entanto, para população feminina,



a alfabetização se estende por mais tempo, uma vez que existe um grande número de alunas que estão na maturidade.

Nesse sentido, mesmo havendo a distorção idade série, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, é possível entender que a escola, ainda é uma instituição importante de inserção da mulher indígena Xerente nos espaços públicos da sociedade nacional e da sua comunidade.

### **Considerações finais**

A sociedade brasileira passou por significativas transformações de ordem social, econômica e demográfica nas duas últimas décadas. A expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização marcaram um momento de crescimento econômico, consolidando sua industrialização e modernizando o aparato produtivo.

Para as mulheres, a saída da esfera doméstica, junto às propostas de um ensino voltado para a formação específica da habilitação profissional, provocou transformações na organização da família e na realização das atividades domésticas necessárias à reprodução cotidiana, implicando na crescente liberação para a esfera pública, na qual se inclui o mercado de trabalho.

É de extrema importância entender a mulher, e nesse caso, a mulher indígena Xerente, como um sujeito social com formas de representação dentro de um ordenamento cultural, destruindo assim, a imagem de que são unicamente vítimas da história, da exploração, da política e dos costumes, mas percebê-las como sujeitos reais que habitam fora dos discursos, objetos e sujeitos. Sujeitos que devem ser considerados a partir de sua multiplicidade, com aspirações e necessidades diversas, que até hoje não foram representadas nem pelas políticas, nem pelos movimentos feministas. Seus desejos de transformação e permanência são parte de um processo lento e complexo, formado por pontos de tensão em que, hora ganham as forças de repressão, hora surgem pontos de fuga que possibilitam o seu crescimento e quiçá o seu empoderamento.

Nesse sentido, a transformação do cotidiano das mulheres indígenas Xerente, não ocorre somente como uma realização pessoal, é parte também da transformação da comunidade. O processo de emancipação dessas mulheres e o processo de construção de uma nova realidade política para suas comunidades caminham juntas. As mulheres estão repensando a tradição, porque nela, se estruturam grande parte dos mecanismos que as colocam na posição de subordinação. Afirmam-se como sujeitos plenos frente à sociedade nacional e sua lei, e frente também a sua comunidade.

Portanto, percebe-se que os caminhos são múltiplos, ora com maiores expressões de domínio, ora de liberdade, de modo que essas mulheres procuram construir resistências simbólicas, a fim de subverterem a condição feminina de submissão.

### **Referências**

CRUZ, Maria Helena Santana (Org). *Múltiplos Enfoques e Espaços Plurais da Pesquisa no Campo da Educação*. São Cristóvão: UFS, 2008. 269p.

FAGUNDES, T. C. P.(Org) Identidade feminina: uma construção histórico- cultural. In: *Ensaio sobre identidade e Gênero*. Salvador: Helvécia, 2003, p. 63- 89.

FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. *Fluxos Sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre as aldeias*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH/ USP. 1990. 196p.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, 233p.

GUIMARÃES, Suzana Martelli Grilo. *A aquisição da escrita e diversidade cultural: a prática de professores Xerentes*. Brasília: DEDOC, 2002, 139p.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo/Brasília: Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, 1993.

MOI, Flávia Prado. *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo; Porto Seguro: Annablume:

ACERVO, 2007.209 p.

PAULA, Luis Roberto de. *Dinâmica faccional Xerente: esfera local e processos sóciopolíticos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao FFLCH/USP. 2000. 350p.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. *A mulher a cultura e a sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p. 48.

SPINK, Mary Jane. Desvendando teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em Representações Sociais*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 323p.

SIFUENTES, Thirza Reis. *Mulheres Indígenas Xerentes: Narrativas Culturais e construção dialógica da identidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia/UNB. 200.

## ANEXOS

**Figura 1 - Mapa de localização das áreas indígenas do Estado do Tocantins**



Fonte: <<http://www.brasilbar.com/palmas/tocantinsindios.ht>>

**Tabela 1** - Distribuição do pessoal, por cargo e sexo.

GRUPAMENTOS OCUPACIONAIS	MASCULINO		FEMININO	
	Números absolutos	Números Relativos (%)	Números absolutos	Números Relativos (%)
<b>Docente</b>	44	73%	17	28%
<b>Serviços gerais</b>	01	5%	18	95%
<b>Vigilante</b>	09	100%	-	-
<b>Cargo de chefia</b>	04	95%	01	5%
<b>Motorista</b>	08	100%	-	-
<b>Liderança das aldeias</b>	66	96%	02	4%
<b>Apoio Adm. e pedagógico</b>	06	60%	04	40%
<b>Fiscalização</b>	19	100%	-	-
<b>Técnicos de saúde</b>	-	-	01	100%
<b>Vereador/a</b>	02	100%	-	-
<b>Total</b>	<b>148</b>	<b>77,5%</b>	<b>43</b>	<b>22,5%</b>

Fonte: Tabulação própria a partir de dados coletados nos Recursos Humanos da (DRE, PROCAMBIX,)

**Tabela 2** - Número de Alunos da Educação Básica por Sexo, segundo a Região Geográfica, a Unidade da Federação e Estado.

Unidade da Federação	Alunos da Educação Básica		
	Total geral	Feminino	Masculino
Brasil	52.179.530	25.959.119	26.220.411
Norte	5.048.808	2.525.632	2.523.176
<b>Tocantins</b>	<b>420.743</b>	<b>207.242</b>	<b>213.501</b>
		<b>(49,3%)</b>	<b>(50,7%)</b>

Fonte: Disponível em: < <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>. >

Acesso em: 12/02/2009.

**Tabela 3** - Matrícula escolar, segundo escolaridade e sexo.

<b>Escolaridade</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
<b>1° ao 5° ano</b>	255(48,7%)	269 (51,3%)
<b>6° ao 9° ano</b>	131(62,9%)	77(37,1%)
<b>Ensino Médio</b>	84 (75,7%)	27(24,3%)
<b>EJA (5ª a 8ª série)</b>	19 (50%)	<b>19(50%)</b>

**Fonte:** Tabulação própria a partir de dados coletados no Censo escolar/2008

**Tabela 4** - Número de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental (10 ao 50 ano), segundo o sexo e faixa etária.

<b>Faixa Etária</b>	<b>Número de alunos</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Número de alunos</b>
<b>MASCULINO</b>	4-10 anos	<b>FEMININO</b>	5-10 anos
	186		175
	11- 14 anos		59
	49		
	15 -17 anos		10
	10		
18- 34 anos	10	18-48 anos	25

**Fonte:** Tabulação própria a partir de dados coletados no Censo escolar/2008

Texto enviado em 05/05/2009. Aprovado em 12/05/2011